

TOCANTINS EM IMAGEM-VERSOS DE LUIZA SILVA

TOCANTINS IN IMAGE-VERSES BY LUIZA SILVA

Angelita Gomes Fontenele Rodrigues da Cunha **1**

Davi Pereira Gomes **2**

Eliane Cristina Testa **3**

Walace Rodrigues **4**

Resumo: Este texto propõe uma leitura analítica dos poemas *Tocantins* e *Setembro tocantinense*, da poeta Luiza Silva. Tais poemas foram publicados em seu livro *O que sobrou do tempo* (2021). A análise que se empreenderá busca compreender o olhar poético sobre as imagens do lugar onde vive a poeta e sua verve literária travestida em seus versos. Metodologicamente, é um trabalho qualitativo, bibliográfico e interpretativista. Como fundamentação teórica, utilizam-se os seguintes autores: Antonio Candido (1999;1995); Rodrigues e Ribeiro (2020); Márcio Melo (2020) dentre outros. Os resultados deste trabalho revelam que a poesia de Luiza Silva traz um fazer poético impressionado pelas paisagens e pelas coisas tipicamente tocantineses.

Palavras-chaves: Poesia. Imagens. Tocantins. Luiza Silva.

Abstract: This text proposes an analytical reading of the poems *Tocantins* and *Setembrotocantinense*, by poet Luiza Silva. The poems were published in her book *O que sobrou do tempo* (2021). The analysis that will be undertaken seeks to understand the poetic look at the images of the place where the poet lives and her literary verve disguised in her verses. Methodologically, it is a qualitative, bibliographic and interpretative work. As a theoretical basis, we used the following authors: Antonio Candido (1999; 1995); Rodrigues and Ribeiro (2020); Benedict Anderson (2008) among others. The results of this paper reveal that Luiza Silva's poetry brings us a poetic work impressed by the landscapes and things typically from Tocantins.

Keywords: Poetry. Images. Tocantins. Luiza Silva.

- 1** Doutoranda em Linguística e Literatura. Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT. Mestra em Letras (Proletras - UFT 2020); Graduada em Letras (UFPI), É professora de Língua Portuguesa da Escola Municipal Santa Filomena em Teresina PI. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9514012366151488>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-11777849>. E-mail: angelitafontenele@hotmail.com
- 2** Doutorando em Linguística e Literatura (PPGLIT-UFNT). Mestre em Linguística e Literatura (PPGL/UFNT), bolsista CAPES. Graduado em Letras-Língua portuguesa e suas respectivas literaturas (UFT). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/4951971623473836>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4862-0834>. Email: davi.gomes@ufnt.edu.br
- 3** Doutorado em Comunicação e Semiótica (PUC/SP – 2015). Mestrado em Letras pela (UEL/PR – 2002). É professora de Literatura Portuguesa do Curso de Letras, da Universidade Federal do Tocantins /UFT/Câmpus de Araguaína. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1380068536161923>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0863-4297> e E-mail: poetisalia@gmail.com
- 4** Pós-doutor pela Universidade de Brasília – UnB/POSILIT (2018-2019). Doutor em Humanidades, mestre em Estudos Latino-Americanos e Ameríndios e mestre em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Universiteit Leiden (Países Baixos). Licenciado pleno em Educação Artística pela UERJ, com complementação pedagógica em Letras/Português e em Pedagogia. Professor da Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT. Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins-PPGLIT/UFNT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9082-5203>. E-mail: walacewalace@hotmail.com

Introdução

Declaração de amor no Tocantins

O rapaz enamorado
Não levou flores, nem cartão, nem vinho, nem outro presente
Pra agradecer a moça
Depois de tanto tempo longe, pra dizer que se importava
Levou 6 pequis
E ela então sorriu encantada com o inusitado da vida
(Silva, 2016, p. 34).

Principia-se este texto com o poema de Luiza Helena Oliveira da Silva, poeta e professora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Ela chegou a Tocantins em 2004, vindo de Barra Mansa, cidade do interior do Estado do Rio de Janeiro. Chegou ao Estado para trabalhar na universidade, no setor São João, em Araguaína, enfrentando os desafios do clima quente e úmido, das distâncias dos grandes centros e da falta de infraestrutura da cidade do interior da Amazônia Legal.

Radicada no Tocantins, lugar que escolheu para morar, para escrever e amar, como pode ser visto em vários de suas composições poéticas, Luiza Silva promove um poesia que, como assevera Érica Ferreira no prefácio do livro *O que sobrou do tempo* (2021), “escreve a vida em folhas caídas e cantar dos pássaros. Olha o mundo, as pessoas, os lugares com sensibilidade. Pragmatiza a vida por necessidade de sobrevivência”. Isso já pode ser observado na forma delicada e poética da epígrafe, quando Silva revela o estado de alma do *eu lírico*, ora embebido de amor (enamorado), ora de cunho realista e regionalmente tocantinense (levou 6 pequis).

A poeta apresenta o nível de peculiaridade do local Tocantins com sua rica fauna e seus modos de conquistar a pessoa amada, uma vez que o *eu lírico* se circunscreve no local para arrancar risos de sua amada “E ela então sorriu encantada com o inusitado da vida”.

Para além da alusão narrativa que se pode observar no poema *Declaração de amor no Tocantins*, nota-se como a poeta procura marcar em sua escrita o lugar de seu pertencimento, seja esse lugar de maneira imaginada ou real. Esse local ao qual a poeta declara seu amor de maneira figurada e fictícia pode ser traduzido na forma de uma comunidade imaginada, da qual Benedict Anderson (2008) assevera que:

Ela é *imaginada* porque mesmo os membros da mais minúscula das nações jamais conheceram, encontraram ou nem sequer ouvirão falar da maioria de seus companheiros, embora todos tenham em mente a imagem viva da comunhão entre eles (Anderson, 2008, p. 32).

Assim, torna-se comunidade imaginada, porque, de certo modo, Silva cria laços de afetos e sentimento de pertença a uma determinada região ou Estado. Isso é perceptível na maneira como a poeta transcreve seu afeto pelo Estado que a acolheu, colocando-o como seu novo lar.

A poesia de Luiza Silva também reverbera a realidade do local, como apresenta o pequi, fruto encontrado no Tocantins, embora não seja apenas desse Estado, uma vez que é um fruto típico da comida goiana, mas que no Tocantins é conhecido como “fruto da terra”, do “verdadeiro” tocantinense. O fruto foi usado no poema para traduzir o sentimento amoroso, presente para conquistar a amada após um tempo distante. O *eu lírico* “levou 6 pequis”, o que marca que o sentimento, não só pela amada, mas pelo local imaginado de seu pertencimento, demonstra peculiaridade de marcar seu lugar e, assim, conseguir risos e afeição da moça.

Assim sendo, este artigo procura analisar as imagens que se criam do Tocantins em dois poemas de Luiza Silva: *Tocantins* e *Setembro Tocantinense*. Ambos os poemas foram publicados em 2021, no livro *O que sobrou do tempo*. Objetiva-se ver nos versos da poeta como o Estado que a acolheu é rememorado, imaginado, representado. Quais efeitos de sentidos essas imagens em forma de versos representam para o lugar da poeta e seu pertencimento.

Assim, para este artigo, por meio de uma análise qualitativa, bibliográfica e interpretativista, deseja-se traçar um pouco de como a literatura tocantinense teve seu marco inaugural e suas

manifestações literárias, e mostrar como a obra de Silva entra nessa literatura.

Uma literatura em formação no Tocantins

Sendo o Tocantins o Estado mais novo da Federação brasileira, com apenas 35 anos de criação, há de se compreender que a formação literária ainda é pequena, mas, apesar disso, é muito consistente e em constante amadurecimento. Autores nascidos no antigo norte goiano (hoje Tocantins) e autores que vieram habitar no Estado começam a dar força a uma literatura altamente influenciada pelas questões locais, seja ela a natureza exuberante, os saberes e fazeres das pessoas, ou mesmo a criação poética a partir das suas vivências pessoais no Estado.

Diante disso, precisa-se encontrar o caminho para, como afirma Antônio Cândido (1995, p. 91), “despertar o desejo de penetrar nas obras como algo vivo, indispensável para formar a nossa sensibilidade e visão de mundo”. Desse modo, a narrativa que se produz no Tocantins se assemelha bastante às que foram produzidas no romantismo, ligadas às questões sociais, políticas e históricas como um pano de fundo para denunciar o abandono do Estado aos povos interioranos, às glórias e às belezas naturais que o Estado oferece.

Vale ressaltar ainda que os autores detenham um poder de palavra que cria sentidos simbólicos fortes naqueles que os lêem, o que pode ser observado nas palavras de Bourdieu ao dizer que:

O autor, mesmo quando só diz com autoridade aquilo que é, mesmo quando se limita a enunciar o ser, produz uma mudança no ser: ao dizer as coisas com autoridade, quer dizer, à vista de todos e em nome de todos, publicamente e oficialmente, ele subtrai-as ao arbitrário, sanciona-a, santifica-as, consagra-as, fazendo-as existir como dignas de existir, como conformes à natureza das coisas “naturais” (Bourdieu, 2005, p. 114).

Em outras palavras, para que haja um ideal de pertencimento, o Estado do Tocantins teve que criar/forjar algumas peculiaridades para ser original. Nesse sentido, parece haver um fluxo de ideias entre o que se tem de original de um povo e seu Estado e o que é forjado para que se apresente como original (identitário), apresentando uma ideia de pertencimento.

Sabendo que antes da criação do Estado do Tocantins já existiam pessoas que migraram de outros Estados, como aqueles vindos de Piauí, Pará, Maranhão, Ceará, Bahia, dentre outros, pode-se compreender o Tocantins como um território de acolhida. Em razão disso, a literatura do Tocantins coloca-se rica pela acolhida que faz a vários escritores que aqui vêm se radicar.

Com isso, o Estado começa, então, a discursivizar seu próprio legado cultural, marcando diferenças, produzindo imaginários identitários, muito mais no sentido de inventar uma tradição para si mesmo. E os escritores (poetas, romancistas, cordelistas, etc.) auxiliam nessa empreitada.

Segundo Ribeiro (2021), “a literatura do Tocantins é filha da literatura goiana”, e não poderia ser diferente, uma vez que o Tocantins era o extremo norte de Goiás. Assim, as manifestações literárias que se tem no Tocantins são, de certa forma, uma caracterização do que os autores produzem para apresentar ao mundo, à medida que contêm características e peculiaridades do Tocantins. Sobre isso, Ribeiro (2021) afirma que:

A literatura do Tocantins é filha da literatura goiana e o seu precursor é o escritor Eli Brasiliense, que se consagrou na literatura como romancista do norte de Goiás. Em 1949, o autor publica o romance *Pium*, abordando a temática da garimpagem do cristal, no distrito de Pium, no município de Porto Nacional, em meados do século XX. Essa atividade é responsável pela criação de várias cidades do Tocantins, dentre elas Cristalina, Cristalândia, Paraíso do Norte, Formoso do Araguaia, Wanderlândia, Xambioá e outras (Ribeiro, 2021, p. 96).

Ante tais discussões, nota-se que a produção dessa literatura “tocantinense” pode ser considerada recente e em formação. Por outro lado, ela tem um tronco sólido, tanto quanto a literatura goiana e nacional. Como referências da literatura goiana, que é tronco da literatura que se produz no Tocantins, citam-se nomes importantes como Hugo de Carvalho Ramos, com sua importante obra *Tropas e Boiadas*, publicado em 1917 e republicado em 2018 pela editora Kelps, comemorando os 115 anos do autor; assim como o Goiás também é a terra da conhecida poeta Cora Coralina, que influenciou e ainda influencia muitos escritores e escritoras.

Para marcar alguns nomes que contribuíram com o que hoje se pode ter como uma literatura em constante formação, apresentam-se alguns autores que escreveram durante o processo de transição entre Goiás e Tocantins. O primeiro deles, Juarez Moreira Filho, que em 1978 publicou *Infância e travessuras de um sertanejo*, seguido por José Liberato Póvoa, que publicou no mesmo ano as obras *Contos Tocantinenses* e *Rua do Grito*.

Como mais uma referência, tem-se Pedro Tierra, nascido em Porto Nacional e cuja vida literária iniciou-se, clandestinamente, em 1972, na Itália, quando foi exilado pela ditadura militar. Ele publica, em 1977, a coletânea de poemas intitulada *Poemas do povo da Noite*, primeiramente na Itália, e que só veio a ser publicada no Brasil em 1979.

A última referência para este escrito e uma das primeiras manifestações literárias do então Tocantins é Alexandre Gomes de Brito, que publicou, também em 1979, *Madrigais*, considerada a obra precursora da literatura da cidade de Araguaína e região.

A publicação e oficialização da primeira obra que ganhou destaque na literatura tocantinense só veio em 1995 com o romance *Serra dos Pilões – jagunços e tropeiros*, do escritor Jorge Lima de Moura, conhecido como Moura Lima. Mais tarde, Moura Lima publicou outro romance, *Chão das carabinas-coronéis, peões e boiadas*, em 2002. Esses podem ser considerados alguns dos primeiros romances de fundação de uma literatura tocantinense.

Destarte, a literatura que se produz no Tocantins é um tanto ufanista e saudosista, apresentando o cenário e a cor local, ressoando os sentidos de ser da terra e marcando o lugar, seja na representação da arte de escrever ou na eternização de personalidades regionais.

Dessa forma, prosas e versos que se fazem na literatura do Tocantins carregam muito de uma energia popular que cria um imaginário de lugar e de pertencimento identitário.

Na seção seguinte, busca-se analisar dois poemas de Luiza Silva, a saber, *Tocantins* e *Setembro tocantinense*, selecionados como materialidade para este trabalho. Segundo Oliveira (2017, p. 102), “a análise formal de um poema deve definir a nomenclatura dos versos, os tipos de rimas realizadas e os efeitos alcançados quanto ao ritmo e à sonoridade dos versos”. Porém, antes de tentar enfrentar a formalidade, faz-se importante olhar aspectos da voz da poeta que representa e diz sobre o Tocantins.

Poesia, imagem-versos – Tocantins

Nessa perspectiva, pode-se tentar entender o que é a poesia ou poema se se pensa em compartimentos didáticos e metafísicos da escritura da palavra. Barthes (1977), ao dizer que “(...) a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe *de* alguma coisa” (Barthes, 1977, p. 19), revela que a literatura é um dizer sobre algo, seja ele sentimental, realista etc. O autor ainda assevera que “a segunda força da literatura é sua forma de representação. Desde os tempos antigos até as tentativas de vanguarda, a literatura se afina na representação de alguma coisa. O quê? Direi brutalmente: o real” (Barthes, 1977, p.23). Assim, os poemas analisados aqui apresentam imagens de um Tocantins relatado pela autora, que busca representar e dizer coisas sobre o espaço/tempo do local.

Para complemento desse raciocínio, denominam-se de imagem-versos as figuras surgidas na produção poética da autora, imagens essas que apresentam as interpretações das mãos que as criam e as fazem perpetuar uma significação poética e que denunciam as realidades locais. Octavio Paz (1982) define as imagens poéticas como:

Toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema. Essas expressões verbais

foram classificadas pela retórica e se chamam comparações, símiles, metáforas, jogo de palavras, paronomásias, símbolos, alegorias, mitos, fábulas, etc. (Paz, 1982, p.119).

Desse modo, essas imagem-versos são construídas e reconstruídas por aquilo que os poetas catalisam para produzir seus versos, como os rios, a natureza, a seca, a falta ou excesso de chuvas, as extremidades, a localização geográfica etc., na qual pode-se perceber nos poemas aqui analisados, promovendo, assim, uma necessidade de marcar esses fenômenos e lugares. Rodrigues e Ribeiro (2020) asseguram que:

Esta necessidade da poesia de nos mostrar um lugar (neste caso o Estado do Tocantins), e tê-lo como tema, parece demonstrar a necessidade do poeta de situa-se no mundo, de localizar-se dentro da imensidão da terra, como que marcando um ponto no mapa e vendo o mundo a partir dele. O gesto de marcar é o que faz do poeta um leitor de mundos, de pessoas, de coisas e de sentimentos (Rodrigues; Ribeiro, 2020, p. 100).

Veja-se a construção desses lugares e dessa catalisação de mundos, de pessoas e de sentimentos no poema de Luiza Silva que segue:

TOCANTINS

O Tocantins não é pra meio termo
é tudo ou nada
bem ou mal
coisa de gente das extremidades
incandescências.
Se minha casa fosse barco,
estaria agora em alto-mar
Penso que a chuva deslocou a terra
estamos mais acima, mais abaixo,
o mapa modificado
antes do meio-dia
que depois será outro
mais acima, mais abaixo
no movimento dos extremos
Entendo, então, os passarinhos
Se é para cantar,
que seja com escândalo
cortam o sossego pós dilúvio
ópera estridente e matinal
(Silva, 2021, p. 84).

O poema *Tocantins* é composto de uma só estrofe com dezenove versos livres, pois a poeta não fez uso de rimas, assim como não uniformizou uma técnica de metrificação. Vê-se que há quatro versos eneassílabos (1, 8, 15 e 18), dois tetrassílabos (2 e 5), um trissílabo (3), dois decassílabos (4 e 9), quatro octossílabos (6, 7, 14 e 19), duas heptassílabos ou redondilha maior (10 e 13), um pentassílabo ou redondilha menor (11), três hexassílabos (12, 16 e 17). Observe-se que há uma liberdade de escrita quanto às regras da metrificação, assegurando uma cadência no jogo oracional da composição.

O poema é construído de objetos/seres simples da vida cotidiana, como pássaros, chuvas, movimentos apressados, relata o dia a dia do *eu lírico* que vive no “tudo ou nada”, procurando entender o canto dos passarinhos, a localização geográfica e a ânsia de decifrar os extremos.

Reúne uma pequena definição do que seja/é o Tocantins, ou viver nele, a começar por “O Tocantins não é pra meio termo”, “é tudo ou nada”, “bem ou mal”. Pode-se inferir que a autora promove uma ideia de que o Estado é um lugar de extremos, de marcados contrastes, seja pela sua localização geográfica (no norte do Brasil), como mostra “mapa modificado”, “estamos mais acima, mais abaixo”, e situado entre dois rios, Tocantins e Araguaia. Clima quente e de sol escaldante dos

meses de estiagem, o que promove fortes “incandescências”, aludindo a fauna do local e trazendo o canto estridente dos pássaros que abrem as manchas pós fortes chuvas: “Se é para cantar/que seja com escândalo/cortam o sossego pós dilúvio”, representando, assim, o Estado de coisas e seres que habitam e se movem nesse lugar de extremos.

Sendo um lugar de extremos, nota-se uma antítese nos versos “incandescências” e “penso que a chuva deslocou a terra”, pois o *eu lírico* se refere ao período chuvoso (novembro/março), em que os volumes de chuvas são fortes, chegando aos extremos (“a chuva”, “dilúvio”), controverso ao da estiagem (abril/outubro), que é de extrema seca e fortes, de altas temperaturas (“incandescências”). Como também, no canto dos pássaros que interrompem o sossego das manhãs, pois o que se espera de um período pós chuva, seria uma calma, silêncios e reflexões. No entanto, ouve-se uma “ópera estridente matinal”.

Outra possível interpretação seria o estado de inconformidades do *eu lírico* em “Entendo, então, os passarinhos”, aludindo ao que não tem como modificar, sendo, portanto, uma forma de representar, de marcar seu lugar como “se é para cantar/que seja com escândalo” e em “ópera estridente e matinal”. Para Rodrigues e Ribeiro (2020), a poesia tem o poder mágico de criar atmosferas de sensibilização, acrescentando elementos imaginários à realidade ou distorcendo elementos da realidade.

Dessa forma, responde-se aqui à pergunta: mas afinal para que serve a poesia? “Que papel representa para nós, hoje, essa milenar atividade que continuamos a chamar de ‘poesia’? Que espécie de realidade ou julgamos entrever num poema quando dele nos acercamos para ouvir a voz do poeta?” (Moisés, 2019, p. 15). Aqui, a poeta Luiza Silva cria imagens (realidades) sobre como é viver no Tocantins.

No segundo poema, *Setembro tocantinense*, a autora reúne as sensações do que é viver no Tocantins no período de estiagem, sem chuvas para provocar “dilúvios”, e narra como o clima quente encarrega-se de modificar os penteados, exaurindo os corpos cansados da lida e memorando sentimentos de saudades, amores e vivências. Mas uma vez, vê-se um poema que se constitui dos elementos da natureza, revelando seu estado de “inconformidades” dialógicas com o clima e as sensações de saudades e desejos.

SETEMBRO TOCANTINENSE

Durmo de cabelos molhados,
acordo com penteado de Marie Antoinette.
Nenhuma aragem se assanha,
Nenhum respingo se enternece de nós.
Exaurida dos excessos de luz,
ingrata quanto ao céu sem nuvens,
reclamo.
“o que não tenho e desejo
é o que mais me enriquece”.
Faltam-me chuvas, amores e galinhas
(Silva, 2021, p. 85).

O poema *Setembro tocantinense*, assim como o primeiro poema analisado, é composto de uma única estrofe, contendo dez versos livres, pois a poeta não fez uso de rima e, como se pode observar, na contagem das sílabas poéticas não padronizou nenhuma forma de metrficação. Neste poema há dois versos octossílabos (1 e 6), um versos eneassílabos (2), três heptassílabos ou redondilha maior (3, 8 e 9), um trissílabo, dois hendecassílabos (4 e 10); um decassílabo (5) e um dissílabo (7).

Na melodia dos versos de Luiza Silva, nota-se um sentimento de saudade, talvez do clima de sua terra, de seu lugar natal. A voz poética se coloca num “entre-lugar”, geográfica e sentimentalmente.

Assim, nos versos “o que não tenho e desejo/é o que mais me enriquece”, a voz poética rememora, se assim podemos inferir, climas menos secos e menos quentes, de amores, de saudades de chuvas, e desejos de ter “galinhas” (talvez para ter entretenimento). Nota-se uma forte tensão/mutação de consciência, dado o relacionamento da poeta com a sociedade, o fato de estar distante

de sua terra natal e ser influenciada pelo clima local (cf. Cavalcante, 2021).

Outra vez, a natureza e o clima do Estado do Tocantins são evocados na voz poética, contextualizando o clima no Tocantins em setembro, que é o período de altas temperaturas, sem chuvas, sem ventos, sem brisas e de muito calor: “durmo de cabelos molhados/nenhum respingo se entenece de nós”. Nesse clima que clama por temperaturas amenas, os cabelos se assemelham aos de Marie Antoinette, firmemente para o alto.

É possível compreender que os poemas que aqui são analisados produzem imagens de uma necessidade de representar e marcar o lugar de onde se fala, ou seja, apresentar suas belezas e mazelas locais. Os poetas se tornam avaliadores das sensações, movimentos e temperaturas que se anunciam nos extremos de um país em desenvolvimento como o Brasil (cf. Candido, 2006, p. 39).

Assim, fazer poesia no Tocantins, ainda que com um tom romantizado, é buscar criar sentidos a partir do clima, da natureza (flora e fauna), de seu povo, da cultura, das crenças, etc. Márcio Melo (2020) assevera que a literatura:

[...] é um arquivo internamente estruturado de experiências e de trocas que irão produzir não apenas uma memória – um modo de inventar o passado, construindo “monumento” – mas também um futuro – um modo de inventar aquilo que se deseja, construindo (Melo, 2020, p. 164).

E, da mesma forma, os poetas catalisam as sensações, desejos, realidades, memórias (cf. Rodrigues *et al.*, 2023) etc. e as transformam em imagem-versos que ecoam em poesias que condensam, pelo menos um pouco, um estado de alma do povo do norte. Rodrigues e Ribeiro (2020) asseveram que:

[...] ser poeta numa sociedade com fortes traços de oralidade, como na sociedade tocantinense, parece abrir portas inventivas para um poeta, pois ele toma para si o papel daquele que transforma em linguagem escrita do lugar, os ruídos dos ventos, os cantos dos pássaros, os choros cerimoniais dos indígenas (Rodrigues; Ribeiro, 2020, p. 102).

Desse modo, a poeta aqui apresentada se torna catalisadora de sensações, imagem-versos desse lugar Tocantins e tem a sensibilidade de interpretá-las de forma a buscar movimentos poéticos nas contradições compositivas que até poderiam desorganizar o discurso, mas que, na verdade, criam as condições para organizá-lo por meio de uma unificação dialética que oferece uma rica tensão ao poema (cf. Candido, 1999).

Considerações finais

O presente texto procurou apresentar como o Tocantins, com apenas 35 anos, é um lugar de uma nascente e potente literatura produzida por autores “da terra” e “de fora” (autores radicados no Estado). Vê-se que a poesia de Silva, que ora beira a representar a natureza, a beleza, o clima, também busca compreender o lugar Tocantins em suas tensões de imagens. E é nessas tensões que a poeta cria uma rede de significação sobre o que é estar no Tocantins e viver no Tocantins.

Da mesma forma, procurou-se fazer, neste trabalho, uma marcação da construção da literatura produzida no Tocantins, mostrando alguns de seus primeiros escritores e de obras que abriram os caminhos do fazer literário nesse Estado. Vale ressaltar que a literatura produzida no Tocantins toma força com as múltiplas produções literárias que vêm chegando ao mercado editorial nos últimos anos. Exemplo disso é a literatura de Luiza Silva e de outros(as) escritores(as) ativos(as) no Estado.

E, ainda, a poesia que se produz no Tocantins, por mãos de pessoas que para cá vieram, é uma forma de poetizar o olhar, subjetivando o ser/tempo/espaço por meio da exuberância do local e de seus extremos.

É importante ressaltar que não podemos dizer que existe uma literatura tocantinense, mas uma literatura produzida no Tocantins, com poetas que são do Estado e outros(as) vindos(as) de outros lugares do Brasil e do mundo.

Finalizando, uma coisa fica clara na poesia de Silva: o Tocantins produz marcas profundas na poeta, tanto no sentimental quanto no vivencial da autora. A poesia de Silva revela ao seu leitor uma ligação íntima com o Estado e suas coisas, com as pessoas e seus modos de vida, e com um fazer poético impressionado pelas paisagens e coisas tipicamente tocaninenses.

Referências

- ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARTHES, Roland. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciado dia 7 de janeiro de 1977. São Paulo: Cultrix, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CANDIDO, Antonio. **Caderno de análise literária**. São Paulo: Editora Ática: 1999.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito a literatura**. Vários escritos.3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CAVALCANTE, Luciano Marcos Dias. **Poesia, o que é e para que serve?** Leitura de poemas de Drumond, Emílio Moura, Jorge de Lima, Mário Faustino e Chico Buarque de Holanda. Cotia/SP: Editora Cajuína, 2021.
- MOISÉS, Carlos Felipe. **Poesia para que?** A função social da poesia e do poeta. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- OLIVEIRA, Silvana. **Análise de textos literários: poesia**. Curitiba: Inter Saberes, 2017.
- PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MELO, Márcio Araújo de. Literatura no Tocantins. **Revista São Luís Orione** online, Araguaína-TO, v.1, n.15, jan/jun, 2020. ISSN: 2446-5062
- RIBEIRO, José. Manuel Sanches da Cruz. O processo de formação da literatura no Tocantins. **Revista Querubim**. Ano. 17. mar. 2021.
- RODRIGUES, Wallace; SOARES FILHO, Antônio Coutinho; DO VALE, Márcia Sepúlvida; MENEZES, Marleno Chaves. Reflexões sobre memórias como rupturas na poesia de Cora Coralina e Adélia Prado. **Revista AGON – Ἀγών**. UFRGS, v. 3, nr. 7, p. 11-31, 2023.
- RODRIGUES, Wallace; RIBEIRO, José Manoel Sanches da Cruz. Poetas professores na literatura produzida no Tocantins. **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.15. 2020.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **O que sobrou do tempo**. 1ªed. Gurupi: Editora Veloso. 2021.
- SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **Solau do mal de Amor**. Palmas: EDUFT, 2016.

Recebido em 18 fevereiro 2024.
Aceito em 26 maio 2024.